

Para que serve a educação?

Os professores freqüentemente se iludem a respeito da capacidade inovadora da educação. Em grande parte porque a ideologia que introjetaram, e que lhes foi também transmitida por outros professores, é a de que a realidade é modificada através do conhecimento formal, livresco de modo geral, a respeito das coisas deste mundo. Distinguindo rigidamente o trabalho manual do não-manual, a ideologia das classes dominantes de todos os tempos (e não apenas no capitalismo), ideologia da qual a maioria deles compartilha, quer sempre fazer crer que o conhecimento formalmente intelectualizado é o transformador por excelência. É evidente, e não poderia ser de outro modo, que a inovação melhor planejada é a guiada por um projeto de mudança, projeto este que, por sua vez, será quase inevitavelmente modificado no decorrer do processo de transformação da realidade, já que a alteração desta imporá uma nova visão das coisas ao próprio planejador. Não é o caso, porém, da educação de nossos dias e nem, usualmente, de qualquer sistema educacional escolarizado.

De fato, os educadores, com maiores ou menores exceções, dependendo de sua formação, das características do sistema educacional, do modo como foram recrutados, tendem a repetir fórmulas passadas vazias. Sua criatividade, normalmente, é pequena, por não discutirem realidades concretas, vinculadas, sobretudo, ao trabalho produtivo. É normal, inclusive, nos depararmos com professores, de todos os níveis, bastante desorientados em relação ao mundo em que vivem. Isto se reflete numa ação inócua, ou até desorientadora dos educandos, se estes levarem a sério aquilo que lhes é proposto e ensinado.

Não resta dúvida de que algumas técnicas devem ser aprendidas e são fundamentais para o desenvolvimento do educando, sob todos os aspectos. A aquisição desse instrumental pode ser feita até mesmo acriticamente. O que importa, em geral, é que o educando adquira um conhecimento razoável de leitura e escrita, que será indispensável para quaisquer iniciativas posteriores que impliquem a aquisição de ou-

tros conhecimentos que estejam disponíveis sob forma escrita, iniciativas estas ligadas ou não a campos ocupacionais que exijam educação formal. Igualmente, o domínio de certas técnicas básicas, dependendo do tipo de atividade da pessoa, torna-se necessário. Ocorre que, junto com esse conhecimento básico, às vezes bastante mal transmitido, existe uma tendência incoercível nos sistemas educacionais, através dos professores que o compõem, de formar um educando voltado não só para problemas do passado, já superados, como ainda de estimulá-lo para o debate de questões que as pessoas “letradas” julgam serem importantes, ainda que possam estar completamente desligadas da realidade concreta presente e, muito mais ainda, da futura.

Um currículo realista deve também levar em conta as raízes históricas da região e do país. A melhor maneira de formar um educando desligado de problemas relevantes é fazê-lo flutuar num vazio histórico, em que aparentemente existe a suposição de que tudo foi sempre como é hoje em termos de relações de poder e riqueza, e em que as modificações maiores se operaram tão-somente por ação de homens isolados, dotados de características excepcionais. Ora, a educação formal que estamos criticando “abstratifica” a realidade, tornando-a a-histórica, conseqüentemente, não concreta. Perdem-se de vista os liames do processo sócio-histórico, ou seja, aquela dinâmica que a fez (a realidade) como é e que a farão transformar-se de acordo com os padrões do tipo social ao qual ela pertence.

Acresça-se a tudo o que foi dito o fato de o pensamento conservador ser uma característica geral dos educadores. Conseqüentemente, a educação na qual acreditam e que procuram às vezes sinceramente implementar também, em geral, não fornece respostas nem teórica nem praticamente aceitáveis frente aos dilemas do mundo moderno. Mas se tudo o que existe merece existir por ter alguma função social, essa educação subsistiria por ter a grande função de manter o *status quo*. Por isso seria igualmente errôneo considerar a educação como marginal

ao grande debate que se trava no seio de nossas sociedades quanto aos caminhos a trilhar. Essa marginalidade é enganosa, já que a colocação intelectual dos problemas é um dos primeiros passos a se dar na direção da mudança daquelas situações consideradas injustas, iníquas ou mesmo economicamente irracionais do ponto de vista de uma economia avançada. O querer coletivo pode mudar as coisas. Mas para que um tal querer seja despertado nos educandos, seria preciso que o sistema educacional fosse orientado, ele próprio, por um projeto de transformação da realidade a ser neles inculcado.

Aqui surge o grande problema, já secularmente debatido, de que os próprios educadores precisam ser educados para tal ação inovadora na qual parecem tanto acreditar. Como se produziria neles uma consciência desalienada, transformadora, se suas condições existenciais levam-nos a se filiar a uma visão do mundo que tende a repetir o passado? Para tentar produzir nos educandos alterações de valores, atitudes e comportamentos compatíveis com um tipo social emergente, criando um querer coletivo capaz de alterar a realidade nessa direção, seria preciso que os educadores acreditassem nessa transformação e tivessem um projeto compatível. Não é o que se observa. Geralmente, quando os professores pensam em educar para a vida futura, cogitam num educando que vença, que tenha sucesso numa sociedade competitiva. Repetem a ideologia vigente de vencer pelo próprio esforço, isoladamente, dentro das

condições vigentes. Seu projeto de inovação, muito freqüentemente, se resume nisso.

Advogar, por outro lado, um projeto revolucionário seria inócuo, pois, em tal caso, ele não poderia ser implementado. O projeto factível seria reformista, o qual poderia, talvez, ser levado a cabo dentro do sistema oficial, e em sistemas paralelos de ensino. Num ou noutro sistema, contudo, surge sempre o problema de que as pessoas que o implementam, os professores, precisariam ser educadas no sentido pretendido, e acreditar no projeto, não só intelectualmente, mas vivendo-o; teriam que ser menos conservadores e possuírem certa facilidade para ajustarem-se às transformações elas próprias. Em suma, seria preciso um tipo diferente de professor, formado ou ressocializado dentro de um projeto global de transformação, não necessariamente compartilhado pelos órgãos diretivos oficiais da sociedade, mas, também, não violentamente obstaculizado. Este projeto, evidentemente, teria de ser o de segmentos sociais substantivos dentro da sociedade, pois um projeto de transformação não nasce no ar nem se implementa se forças sociais fundamentais não estiverem nele interessadas e o façam seu.

José Carlos Pereira
Departamento de Medicina Social
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto
USP

*O Universo não é uma idéia minha.
A minha idéia do Universo é que é uma idéia minha*

Fernando Pessoa, Ficções do interlúdio